Entrevista com Jaa Torrano

Tradução da acribia poética

André Malta

Nos 40 anos (que completa em 2015) como professor de língua e literatura grega na FFLCH-USP, Jaa Torrano (Olimpia/SP, 1949) criou uma forma muito particular de transposição, segundo a qual verter é fonte e fim da atividade de interpretação. Mas quem o conhece sabe: essa opção pela não dissociação entre estudo e versão não o fez corroborar a ideia batida – e ainda difundida entre acadêmicos – de que traduzir é prosaicamente transportar sentidos. Torrano, ao contrário, forjou uma economia poética solidária à sua hermenêutica, e o fez de modo duplamente original, porque atento à voz do mito grego – a uma linguagem que tem, como já disse, seu próprio mo(vi)mento – e porque desinteressado de formalismos (ritmos, metros, sons) que por vezes estrangulam o conceito de “poético” entre nós. Os resultados, que podem ser conferidos no tratamento dado seja à épica de Hesíodo (*Teogonia*/1981), seja às sete peças de Ésquilo (*Oresteia*/2004; *Tragédias*/2009) e dezenove de Eurípides (no prelo), revelam um verso solto mas nunca frouxo, preciso e denso, pessoal e reverberante, verso que evidencia, assim, a presença de outras exigências e a necessidade de outros desafios, nas entrelinhas, para além da materialidade do verso.

1) José Cavalcante de Souza, que foi uma figura fundamental na sua formação, era um tradutor prolífico, embora tenha publicado poucas das suas traduções. Como você reagiu a essa influência? Que outros tradutores o influenciaram?

Em estilo lacônico responderia à primeira questão “sobrevivi” e à segunda com os nomes de Anna Lia Amaral de Almeida Prado, Manuel Bandeira, Guilher-

me de Almeida, Augusto de Campos e Haroldo de Campos. Como não somos só lacônios, explicarei mais. O professor Cavalcante – como você mesmo me diz – é “figura fundamental”, porque em suas aulas ele nos mostrava uma atitude diante dos textos dos poetas gregos antigos que ilumina as nossas vidas. Mas um de seus recursos de iluminação eram questões às quais nenhuma de nossas opiniões podia resistir, e com duas ou três perguntas as nossas convicções se esboroavam. Como pude entender de suas aulas, a tradução para o professor Cavalcante estava a serviço da hermenêutica de documentos literários e, portanto, o âmbito da tradução é o da interdisciplinaridade entre História, Filosofia e Poesia. A professora Anna Lia Amaral de Almeida Prado, cujas aulas de língua grega me abriram as portas do entendimento do grego antigo, e cuja tradução do Livro I de Tucídides me mostrou como a noção tucididiana de verdade como “acribia” pode se realizar na tradução, foi orientanda do professor Cavalcante, e Tucídides a sua tese de doutorado. Nos anos de minha formação escolar, nos 70, meu livro preferido na obra de Manuel Bandeira era *Poemas Traduzidos* e, na obra de Guilherme de Almeida, a tradução de *Antígona*, que me parecia e ainda parece absolutamente insuperável; os poetas Augusto e Haroldo de Campos constituíam a meu ver uma referência universal e necessária, apesar dos aspectos sectários e polêmicos que me pareciam disparatados e fastidiosos, e a influência dos poetas paulistas para mim constituiu a exigência de atender na tradução ao ponto de vista da poesia – tanto quanto atender aos pontos de vista da História e da Filosofia.

2) *Na área dos Estudos Clássicos aqui no Brasil, você tem sido o único a usar sistematicamente versos livres para traduzir a poesia grega. Em uma nota à tradução de Medeia, você afirmou que eles lhe pareciam “mais adequados e aptos para evocar e convocar não só a riqueza poética, mas ainda as noções e o mo(vi)mento” do texto. Você poderia falar um pouco mais sobre como se deu essa opção na sua carreira?*

A opção por versos livres incorpora o que me parece ter sido a contribuição mais importante da poesia modernista do século XX. A meu ver, a liberdade do verso livre corresponde à liberdade de pensamento, própria e distintiva do modernismo como corrente literária e da modernidade como atitude do espírito. Como o que sempre me fascinou na poesia grega antiga é ela se apresentar como forma de pensamento e de investigação, os moldes métricos da tradição literária luso-brasileira não me pareciam próprios para transpor aquela poesia, mesmo porque as descobertas filológicas e filosóficas do antigo sentido daquela poesia me pareciam só ter sido possíveis pela superação dos caminhos batidos de nossa tradição escolástica choramingas. O recurso modernista do verso livre me pareceu uma pista para uma atitude mais condizente diante da poesia grega antiga: imitar o

que nela me parecia essencial e decisivo – o que certamente não era o tamborilar de sílabas. Para imitar as antigas formas de pensamento e de percepção se faz necessário um novo repertório de ritmos, de relações e de referências perceptivas.

3) *Você combina, em suas traduções, precisão e concisão, sem descuidar de uma sintaxe mais direta em português. Esse equilíbrio foi buscado de forma consciente ou surgiu de modo mais intuitivo?*

Agradeço-lhe de todo o coração por me falar deste ideal estilístico como de uma conquista já realizada, mas este ideal estilístico de precisão, concisão e simplicidade ainda me parece ora uma perene aspiração ora a miragem de uma perene aspiração. Sob esse aspecto, o pior foi a tradução de *Prometeu Prisioneiro*, publicada em 1985, pelo seguinte motivo: além de todas as exigências impostas pelos ideais estilísticos de precisão, concisão, clareza e acribia poética, havia uma inacreditável exigência extraordinária de manter no ponto de chegada vernáculo – tanto quanto possível – a mesma ordem das palavras que do ponto de partida helênico. Não atribuo esse disparate ao meu professor, mas a uma brincadeira de Hermes com a minha admiração, amizade e estima por meu professor, mas quando percebi a piscada de Hermes refiz a tradução, a que dei o novo título de *Prometeu Cadeeiro*, valendo-me do achado de Graciliano Ramos, que em *Memórias do Cárcere* usa “cadeeiro” no sentido de “prisioneiro”, quando eu buscava em português uma palavra que tivesse a mesma ambiguidade de voz ativa e passiva que a palavra grega *desmótes*, pois essa ambiguidade era importante para descrever a relação de poder entre Prometeu e Zeus. Bem, respondendo à segunda questão, esse equilíbrio se busca em atenção a uma exigência imposta pelo desejo de reproduzir em português as formas mentais do pensamento mítico reatualizado na tragédia grega. Mas a busca é permanente, pois a tradução é inexaurível, porque nela se consuma a nossa compartilhada aspiração de realizar em português o sentido original da verdade do pensamento mítico grego. Em homenagem a Tucídides e à minha professora de língua grega designemos “acribia poética” essa modalidade da verdade, para marcar a intersecção de História e Poesia em nossa poética da tradução.

4) *Desde a publicação da tradução da Teogonia e de Prometeu Prisioneiro, na primeira metade da década de 80, passando por Bacas e Medeia, na primeira metade da década de 90, até chegar à publicação de todo o Ésquilo, concluída em 2009 (com uma incursão ainda por Homero – o Canto 1 da Odisseia – e novamente Hesíodo, com O Escudo de Hércules), você tem se concentrado na épica e na tragédia. Como você enxerga, retrospectivamente, essa trajetória e seus diferentes momentos?*

A tragédia ática é um renascimento do pensamento mítico e dialoga todo o tempo com Homero e Hesíodo enquanto reflete sobre os limites inerentes a todo exercício de poder e sobre a viabilidade da vida humana no horizonte da cidade-estado. Assim, traduzir a tragédia implica traduzir – senão reconhecer e dialogar com – Homero e Hesíodo.

5) Você publicou em 2009 um livrinho com a tradução de três poemas de Safo, trabalho admirado que já circulava fazia muito entre colegas e alunos. O que o levou a traduzir esses poemas de Safo? Nunca teve interesse em traduzir outros nomes importantes da lírica grega, como Arquíloco e Píndaro?

Quando ainda estava na graduação, traduzi algumas odes de Anacreonte e mostrei à professora Anna Lia, que leu, sugeriu-me que traduzisse Safo e se dispôs a me dar aulas sobre Safo e poesia lírica. Assim, graças à generosidade da professora, estudei e traduzi muitos poemas líricos arcaicos, de Arquíloco em diante e Píndaro, quando fazia o doutorado com o professor Cavalcante, que deu um curso de tradução de Píndaro no pós em 82. Mas trabalhei ao longo dos anos nessas traduções de Safo, que depois foram publicadas na revista do IEL-Unicamp *Remate de Males Território da Tradução*. Em 2009, João José de Melo Franco, que tinha sido meu aluno décadas antes, procurou-me com o propósito de fazer um livrinho desses três poemas de Safo e assim o fez. Esses três poemas foram minha primeira produção como tradutor, o mais que então fiz com a poesia lírica valeu-me como exercício e estudo da poesia grega arcaica.

6) A despeito de você ter contribuído com uma produção fundamental nos últimos 35 anos, houve poucas resenhas e abordagens críticas do seu trabalho como tradutor. A que você acha que se deve isso?

Permita-me não me comprometer com o pressuposto que serve de prólogo a essa questão, pelo menos até que se saiba se ele é verdadeiro ou falso. Qual é o critério para definir o que são “poucas”? Quantas “resenhas e abordagens críticas” houve, quais? São essas perguntas cujas respostas o pressuposto da questão dá por certas, mas eu penso que cientificamente só a pesquisa historiográfica poderia responder, e então saberíamos se esse pressuposto é verdadeiro ou falso. Nesse ínterim, penso que deveríamos considerar qual é a nossa atitude diante da linguagem com que trabalhamos, e se a nossa atitude se adequa à perspectiva aberta pela noção de linguagem com que trabalhamos. Bem trabalhamos com as formas mentais do pensamento mítico grego e, portanto, com a noção mítica

de linguagem que estabelece as suas próprias referências perceptivas e distinções cognitivas. Isso não afetaria o nosso próprio modo de trabalhar e de apreciar o resultado de nosso trabalho?

7) *Você tem sido uma influência importante para os que se dedicam à tradução dos clássicos greco-latinos no Brasil. Como você vê esse seu papel?*

Tenho sido? Que bom! Mas como dizia na resposta à questão anterior, da qual esta sétima me parece a continuação com o mesmo pressuposto, o foco do meu enfoque não é o meu papel, mas sim o objeto de minha cura e de minha procura, qual seja, o caminho que me poderá levar ao destino que o Nume cada dia me assinala no trabalho da tradução.

8) *Depois de você concluir seu projeto atual, de publicação das 19 peças de Eurípides que chegaram até nós, a que outros textos e autores pretende se dedicar? Você enxerga algum em especial como um desafio estimulante, que gostaria de enfrentar?*

Há uma lógica interna no trabalho que diz que após traduzir todas as tragédias de Ésquilo e todas as de Eurípides estamos mais aptos para traduzir as de Sófocles. Não me parece produtor contrariar a lógica interna do trabalho. Mas há, sim, um texto em especial que enxergo como um desafio estimulante, que gostaria de enfrentar: a tragédia *Oidípous Týrannos*, de Sófocles. Em dezembro de 72 comecei a traduzir essa tragédia, como quem se propõe a decifrar o enigma, mas se reserva o direito de não se pronunciar antes de ter absoluta certeza da solução, custe o tempo que for necessário.

9) *Quando você relê suas traduções, que impressão tem? Você disse ter alterado a primeira versão de Prometeu Prisoneiro quando voltou a publicá-la quase trinta anos depois, em 2009, com o título de Prometeu Cadeciro, e sei que mexeu também em Bacas e Medeia dentro do projeto de editar o Eurípides completo. Isso se deve a uma vontade de constantemente rever o trabalho feito?*

Depende do motivo por que releio essas traduções. Se for para preparar uma aula, as minhas me parecem mais úteis que as alheias, por estarem mais comprometidas que as alheias com a leitura que desejo expor da tragédia. Se for para decidir sobre a tradução de alguma palavra, considero também se a minha leitura atual da tragédia que estou traduzindo corresponde à leitura que eu tinha

quando traduzi a tragédia que então releio. As revisões que fiz das duas tragédias em questão a meu ver decorreram do fato de eu ter adquirido maior domínio do português, porque a minha leitura dessas tragédias continuava a mesma.

10) *Em 2009, você publicou um livro reunindo sua produção poética até então, A Esfera e os Dias. Que relação você vê entre sua atividade como poeta e sua atividade como tradutor de poesia?*

A meu ver são duas frentes do mesmo trabalho: a minha produção como poeta é uma forma de eu administrar a mim mesmo, a minha produção como tradutor de poesia grega arcaica e clássica é uma forma de eu administrar a minha relação com o mundo, o sentido deste meu trabalho é a produção de minha identidade espiritual e de minha inserção na ordem do mundo.

11) *Seu extenso trabalho de transposição lhe deu, ao longo dessas décadas, uma familiaridade muito grande com a poesia grega antiga; o que mais o fascina nela?*

Outra noção de familiaridade, em que a intimidade e o convívio têm outra qualidade, e põe alteridade no teor dessa outra!

12) *Para concluir: a primeira tradução que você publicou de uma obra integral foi a da Teogonia, acompanhada de extenso estudo, em 1981, trabalho que teve grande repercussão, com sucessivas reedições desde então. Ao longo desse tempo, você chegou a fazer alterações na tradução? Que importância teve a poesia de Hesíodo no conjunto da sua produção?*

A tradução da *Teogonia* que citei em minha tese de doutorado em 1987 não era a mesma apresentada em minha dissertação de mestrado de 1980, nem era a mesma a sinopse da *Teogonia* na tese e na dissertação, mas era uma nova sinopse, que conduzia ao resumo da *Teogonia* numa única fórmula. A *Teogonia* é inexaurível. Que tradução poderia esgotá-la? Somos sempre desafiados e fascinados pela possibilidade de compreender de um modo mais claro, mais coerente e mais completo a *Teogonia* e o mundo que ela mostra. Como poderíamos ficar imunes à sedução de traduzi-la mais uma vez? Por fim, a importância da poesia de Hesíodo no conjunto da minha produção é a mesma que ela sempre teve para os seus pósteros entre os gregos que a compreendiam: a de conferir inteligibilidade ao mundo e condição de possibilidade à nossa leitura do mundo e de seu texto.